



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na saída do velório do deputado federal Carlos Wilson Recife-PE, 12 de abril de 2009

Jornalista: Boa tarde, Presidente.

Presidente: Quanto tempo, tudo bem? Eu não poderia deixar de vir ao velório do Carlos Wilson, pela relação histórica que mantive com o Carlos Wilson. Eu, na verdade nem conhecia bem o Carlos Wilson quando, na campanha de 1989, ele era vice-governador do Dr. Arraes, e eu fui ao Palácio pedir apoio a ele. Foi difícil, mas conseguimos o apoio do Carlos Wilson, e a partir daí nós estabelecemos uma relação de amizade que foi muito importante.

O sofrimento dele de mais de quatro anos, com o câncer, não é brincadeira. Acho que nessas horas a gente acredita muito mais em Deus porque, na verdade, o Carlos Wilson descansou. O sofrimento é uma coisa muito forte. Ele esteve submetido a tratamentos rigorosos, mas chega um dia em que não adianta mais. Eu acho que ele descansou, e a gente só tem que esperar que a família seja forte porque não existem palavras para consolar a morte. Para quem é cristão, para quem acredita em Deus, para quem acredita num outro mundo, fica mais fácil porque a gente tem sempre a expectativa de que está indo para um lugar melhor. Fica sempre essa expectativa. Mas a gente só vai saber quando morrer, então, eu espero que o Carlos Wilson tenha toda a recompensa, que seus familiares possam sentir sempre orgulho dele. Eu, agora, estou saindo daqui para ir para outro velório, do deputado João Herrmann, que morreu em Campinas nessa madrugada. Vou agora para lá.

Jornalista: O senhor soube hoje ou ontem?



Presidente: Eu soube hoje de manhã.

Jornalista: O senhor estava em Brasília?

Presidente: Estava em Brasília com a família. Um companheiro meu recebeu o telefonema às 11h30 da noite. Mas todos os meus assessores que trabalham comigo sabem que depois das 10h da noite não adianta me dar notícia, nem boa nem ruim, porque eu não posso fazer nada, só posso fazer de manhã. Então, quando eram 7h da manhã eu recebi o informe do meu assessor e tomei a decisão de vir para cá.

Jornalista: (incompreensível) o senhor sempre procurou saber do estado dele (incompreensível)

Presidente: Todas as vezes que eu encontrava com o companheiro Eduardo Campos, eu perguntava se ele tinha visitado o Carlos Wilson. Faz um mês e meio, dois meses, que eu vim aqui e fui na casa dele visitá-lo. Eu também tenho uma concepção de que quando uma pessoa está muito doente, não é importante a pessoa ficar recebendo visitas. Se as visitas fossem boas, que fossem lá por 15 minutos e saíssem. Mas aí tem visita que vai, quer sentar e quer conversar a vida inteira. Eu sentia que ele estava cansado. Tanto a última vez que eu conversei com ele por telefone, como a última vez que eu fui à casa dele, eu senti que ele estava cansado, que era melhor... quanto menos conversasse, melhor. Porque aí fica fazendo esforço para agradar a visita e termina sofrendo mais.

Jornalista: Uma importante figura no cenário político brasileiro?

Jornalista: Qual a imagem que o senhor guarda do deputado Carlos Wilson?



Presidente: A imagem de um companheiro leal. Eu tenho a convicção de que a relação que o Carlos Wilson teve com os políticos que conviveram com ele e, sobretudo, a relação que ele teve comigo, de muita lealdade, de muito companheirismo, muita solidariedade...

Eu acho que nós perdemos um homem importante, novo ainda, porque... Quando eu tinha 14 anos eu achava que quem tinha 40 era velho. Agora que eu tenho 63, quem tem 59 é um menino. Então, eu acho que ele morreu novo. De qualquer forma, eu acho que a gente vai lembrar dele pelos serviços prestados a Pernambuco, ao Brasil, e eu acho que foram muitos bons.

Jornalista: O senhor quer voltar aqui num momento mais alegre, Presidente? Tem alguma previsão?

Presidente: Não... Eu gostaria de voltar aqui sempre. Eu não posso vir muito a Pernambuco porque causa uma ciúmeira em outros estados aqui do Nordeste, sobretudo em alguns companheiros meus do PT, que acham que eu venho muito a Pernambuco.

Nós temos muitas coisas para fazer. Nós agora entramos numa fase de conclusão de obras do PAC, e eu agora tomei a decisão... Na última quinta-feira, eu fiquei reunido com a área de Transportes das 9h da manhã às 7h da noite. Esta semana eu tenho uma reunião com a área da Integração que vai demorar 10, 12 horas. Depois eu tenho com Minas e Energia, que é mais uma reunião de 12, de 14 horas. Não importa quanto for.

Jornalista: Hoje ainda?

Presidente: Não. Hoje eu vou para Campinas, no velório do João Herrmann. Por que eu estou fazendo essas reuniões? Porque nós estamos chegando na



fase final de obras importantes que nós começamos a fazer. Algumas delas, a gente sabe que têm problemas, ora no Tribunal de Contas, ora no Ministério Público, ora um governador precisa desapropriar uma área, ora é uma empresa concessionária que tem que fazer uma coisa que não fez ainda. Então, nós estamos fazendo uma espécie de operação padrão para que a gente possa resolver todas as obras. E como eu tenho que concluir quase todas as obras porque estão na programação até 2010, eu estou fazendo essas reuniões de avaliação nas áreas de infraestrutura mais importantes, porque o Brasil estava desabitado a fazer obras de infraestrutura.

Eu digo sempre que Brasil era o seguinte: os bancos públicos tinham desaprendido de emprestar dinheiro. O BNDES foi, durante 10 anos, preparado apenas para privatizar e não para emprestar. A máquina do Estado – o Eduardo me disse uma palavra agora que eu achei genial –, a máquina pública foi preparada para fiscalizar e não para executar. Tem mais gente para cuidar das coisas que você faz do que gente para fazer. Durante muitas décadas nós não investimos em infraestrutura, os estados não podiam investir, (incompreensível) nós fomos criando órgãos de fiscalização. Então, hoje você tem grandes instrumentos de fiscalização e tem menos gestores para gerar as obras públicas porque as pessoas desaprenderam. Nós, com o PAC, estamos retomando isso, estamos construindo prateleiras de projetos. Eu tenho certeza de que quando o Eduardo Campos deixar o governo de Pernambuco, quando eu deixar a Presidência, os Ministérios e as Secretarias ligados à área de infraestrutura vão ter projetos prontos.

Um pequeno exemplo: quando nós lançamos o PAC e anunciamos que iríamos fazer o mais poderoso investimento na área de saneamento básico e habitação popular, o que a gente percebeu? Que a grande maioria das prefeituras não tinha projetos, não estavam preparadas. Todo mundo fazia campanha dizendo que ia acabar com as favelas, mas ninguém tinha projeto. Eu digo sempre o seguinte: o bom projeto faz o dinheiro. Agora, se você tiver



dinheiro e não tiver o projeto, não acontece nada. O dinheiro vai sobrar apenas para garantir o superávit primário.

Então, eu acho que todas as prefeituras hoje, todos os governadores e o governo federal estão muito mais preparados para apresentar prateleiras de projetos, e quem vier depois de nós vai ter muito mais facilidade do que nós tivemos.

Jornalista: O Governador quer lhe levar para ver a Transnordestina... a Transposição.

Presidente: Eu quero ir com o Governador, quero convidar os governadores dos estados que serão receptores para que a gente passe uns três dias, porque a obra da Transposição é uma obra que, inclusive, está trabalhando em dois e, em determinados lugares, até em três turnos. Por que nós tomamos essa decisão? Porque na hora em que se apresenta uma crise econômica, nós precisamos gerar empregos, e aí nós temos que fazer as pessoas trabalharem mais turnos. Agora, no projeto habitacional, que começa amanhã o cadastramento, nós queremos que as empresas que vão participar da licitação e que vão construir casas possam trabalhar em dois turnos. Que não atrapalhem os moradores de dormir, mas que consigam trabalhar pelo menos até às 10h da noite, para que a gente possa gerar os empregos neste ano, que eu acho que é o ano mais difícil da crise.

Eu lamento que o Carlos Wilson não esteja vivo em 2010 para ele participar da inauguração de grandes coisas que ele ajudou a gente a construir.

Jornalista: Obrigada, Presidente.

Presidente: Gente, um abraço para vocês. Boa Páscoa.

(\$31EGJLP)